

## Controlo dos preços no consumidor – o IHPC

Um índice dos preços no consumidor é um indicador económico concebido para medir as variações nos preços que as famílias pagam pelos bens e serviços que consomem. Há um Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC) para a zona euro. Todos os meses, os serviços nacionais de estatística da zona euro utilizam métodos "harmonizados" para registar os preços no consumidor de várias classes de bens e serviços, conhecidos como "cabaz das compras". Recolhe-se mensalmente mais de um milhão de observações dos preços do cabaz, composto por mais de 100 artigos, cada qual com uma ponderação que reflecte a sua contribuição para a despesa mensal das famílias (ver exemplos no quadro 1). Para a compilação do IHPC, o Eurostat – Serviço de Estatística das Comunidades Europeias – utiliza os dados de toda a zona euro. Os índices dos preços no consumidor têm muitas aplicações: ajustar o nível das pensões, das prestações de protecção social e das rendas de casa (é a denominada indexação). O IHPC desempenha um papel importante na condução da política monetária, dado ser o principal instrumento utilizado pelo Banco Central Europeu para avaliar a estabilidade dos preços na zona euro.

Principais componentes do IHPC	Que incluem	Ponderação
Alimentos e bebidas não alcoólicas	Pão e cereais, legumes, etc.	15.4
Bebidas alcoólicas e tabaco	Vinho, cerveja, etc.	4.1
Vestuário e calçado	Acessórios de vestuário, conserto de calçado, etc.	7.4
Habituação	Renda de casa, electricidade, etc.	15.0
Equipamento doméstico	Tapetes, mobiliário, electrodomésticos, etc.	7.7
Saúde	Medicamentos, cuidados dentários, etc.	4.1
Transportes	Peças sobresselentes para automóveis, Bilhetes de comboio, etc.	15.3
Comunicações	Contas de telefone, etc.	2.8
Lazer, recreação e cultura	Reparação de instrumentos musicais, plantas de jardim, etc.	9.5
Educação	Livros, etc.	1.0
Hotéis e restaurantes	Restaurantes e cafés, etc.	9.5
Diversos	Cabeleiros, seguro de habitação, protecção social, etc.	8.2
<b>Totale</b>		<b>100,0</b>

## O Banco Central Europeu e o euro

O BCE estabelece a política monetária para a zona euro e actua de forma independente para manter a estabilidade dos preços. Utilizando o IHPC mensal para controlar a inflação dos preços, o BCE e os bancos nacionais controlam as taxas de juro de base na zona euro, que determinam o custo dos empréstimos e têm, assim, uma influência considerável, mas diferida, sobre os preços e a inflação. O BCE define uma taxa anual de inflação dos preços, calculada com base no IHPC, próxima mas inferior a 2%. Esta é a taxa óptima para permitir à economia da zona euro colher os frutos da estabilidade. A prova de que a União Económica e Monetária e o BCE têm controlado com êxito a inflação dos preços é a estabilidade da taxa de inflação desde que o BCE iniciou a sua actividade em Janeiro de 1999: em torno dos 2%, ou seja, muito inferior à verificada nas décadas anteriores (ver gráfico). O euro também proporciona outros benefícios mais directos aos cidadãos. Uma moeda única permite comparações de preços em toda a zona euro, facto que contribui para aumentar a concorrência e manter os preços baixos. Viajar também é muito mais fácil e mais barato, uma vez que deixou de haver custos cambiais.



Fonte: adaptação a partir dos dados Eurostat/BCE

Gráfico 2

### Inflação na zona euro desde os anos setenta

Após a elevada inflação da década de setenta, os preparativos para a UEM ajudaram a inflação a baixar nas décadas seguintes, alcançando o nível óptimo de cerca de 2% ao ano.



Para mais informações:

Direcção-Geral dos Assuntos Económicos e Financeiros da Comissão Europeia

[http://europa.eu.int/comm/economy\\_finance/index\\_en.htm](http://europa.eu.int/comm/economy_finance/index_en.htm)

Eurostat – Serviço de Estatística das Comunidades Europeias

<http://europa.eu.int/comm/eurostat/>

Banco Central Europeu

<http://www.ecb.int/>

Comissão Europeia

[http://europa.eu.int/comm/index\\_en.htm](http://europa.eu.int/comm/index_en.htm)

O euro

<http://europa.eu.int/euro>



Terá o euro  
provocado  
um aumento  
dos preços?  
Percepção  
e realidade



Assuntos Económicos e Financeiros

DIRECÇÃO-GERAL

uma moeda



múltiplas oportunidades



**A baixa inflação, responsável pela estabilidade dos preços,** é muito importante para nós, na medida em que fomenta o investimento a longo prazo, que, por sua vez, conduz ao crescimento económico. Também reforça a coesão social, impedindo o aumento das disparidades em termos de riqueza. Por estes motivos, o Tratado da UE estabelece que a manutenção de preços estáveis é um objectivo essencial da União Económica e Monetária (UEM). Por conseguinte, para manter os preços estáveis, o Banco Central Europeu define uma taxa de inflação próxima dos 2% como a taxa óptima para a zona euro (ver ponto **O Banco Central Europeu e o euro**, na última página).



## A vida é mais cara com o euro?

**1 É verdade que os preços subiram quando iniciámos o pagamento em euros?**



Sim, alguns preços subiram, mas durante muitos anos os preços subiram devido à inflação corrente, que não estava relacionada com a mudança de moeda. A inflação média dos preços em 2002, ano em que começaram a circular as notas e moedas de euros, foi de 2,3%, a mesma que no ano anterior. Isto significa que um amplo cabaz de compras que custava 100 euros num supermercado em 2001 custaria, em média, 102,3 euros em 2002.

**2 A transição para o euro contribuiu para os preços mais altos que pagamos hoje?**



Sim, mas só em pequena escala. Com efeito, presume-se que o aumento médio dos preços no consumidor devido ao aparecimento das notas e moedas de euros seja apenas de 0,1 a 0,3% dos 2,3% da inflação normal nesse ano. Assim, se a subida média dos preços foi de 2,3 euros para um cabaz de compras de 100 euros que pagamos no supermercado, o aumento devido ao euro não foi mais do que trinta cêntimos da nova moeda. O restante deveu-se a outros factores.

**3 Isto são médias! O que dizer dos preços reais que todos nós pagamos?**



Alguns preços em concreto subiram bastante, mas muitos não e outros até baixaram. As mudanças de preços que podemos atribuir à introdução do euro variam segundo o sector. Por exemplo, os preços e os impostos da alimentação não subiram por causa do euro, contrariamente aos preços das reparações de automóveis, dos cabeleiros e de uma série de outros serviços. Estas subidas de preços concentraram-se no comércio e nos serviços de pequena dimensão, de carácter local, que aproveitaram a introdução do euro para aumentar os preços, apesar dos apelos para não o fazerem. O que importa realçar é que a introdução do euro teve um peso pouco significativo na inflação e no custo de vida da maioria dos cidadãos da zona euro.

**4 Então, por que se pensa que o euro trouxe consigo preços mais altos?**



têm um custo baixo, sofreram aumentos fora do comum, como, por exemplo, o café, o pão, a reparação de automóveis, os bilhetes para eventos desportivos e os cabeleiros. A aquisição destes bens influenciou mais a nossa percepção do que as compras menos frequentes, mas muitas vezes mais avultadas, em que o aumento dos preços foi pequeno ou nulo. É ao pagar pequenos artigos com o dinheiro que temos no bolso que se forma a nossa impressão sobre a inflação.

**5 O que se fez para evitar aumentos de preços injustificados e o que poderá ser feito no futuro?**



Ao preparar a transição para o euro, a Comissão Europeia e as autoridades nacionais tomaram medidas para assegurar a conversão exacta dos preços, em colaboração com os bancos centrais, as organizações de consumidores e o sector retalhista, a fim de evitar aumentos abusivos dos preços. Por exemplo, foram distribuídas moedas de 1 e 2 cêntimos aos retalhistas em quantidades suficientes para desencorajar o arredondamento dos preços. Estas medidas foram muito eficazes e as subidas injustificadas dos preços limitaram-se ao comércio e serviços locais, que não estavam abrangidos por acordos a nível nacional ou sectorial e onde a concorrência é diminuta. Quando outros Estados-Membros adoptarem o euro, será prestada uma atenção especial a estes sectores problemáticos para evitar aumentos abusivos dos preços.



**Terá o euro provocado um aumento Percepção dos preços? e realidade**



**A Comissão Europeia controla regularmente os preços no consumidor** utilizando as mesmas classes de artigos de consumo doméstico, conhecidos como "cabaz das compras". O Eurostat – Serviço de Estatística das Comunidades Europeias – compila um índice harmonizado dos preços no consumidor para a zona euro, o chamado "IHPC" (ver ponto **Controlo dos preços no consumidor – o IHPC**, na última página). As mudanças no IHPC revelam mudanças na inflação dos preços no consumidor. Em 2002, ano em que começaram a circular as notas e moedas de euros, a inflação dos preços no consumidor foi de 2,3%, segundo os cálculos do cabaz IHPC. Porém, grande parte deste aumento deveu-se à subida dos preços do petróleo importado, ao aumento dos impostos sobre o tabaco e aos efeitos do mau tempo e de certas doenças animais sobre os preços de alguns produtos alimentares. Dos 2,3% da inflação dos preços em 2002, só 0,1 a 0,3% se deveu à transição para o euro.



**Do mesmo modo que os preços reais, a Comissão** controla também a nossa percepção da inflação dos preços. Todos os meses são sondados 20 000 consumidores da UE sobre o que pensam relativamente à subida ou à descida dos preços dos bens de consumo diário. Comparando este "inquérito harmonizado do consumidor" com a inflação real dos preços, como ilustra o gráfico, vê-se que a percepção do consumidor em matéria de inflação coincidiu de perto, durante muitos anos, com a inflação real dos preços. Contudo, quando começaram a circular as notas e moedas de euros, surgiu uma "divergência de percepção" entre as mudanças reais de preços e as mudanças sentidas, verificando-se que os consumidores sobrestimaram sistematicamente a inflação real.



**Outras medidas:** afixação dos preços nas lojas, tanto em moeda nacional como em euros, antes e depois da transição, para os consumidores poderem comparar os preços; acordos com a indústria para a adopção de práticas que facilitassem a compreensão dos preços pelos consumidores; amplas campanhas de informação destinadas ao público em geral. Estas medidas revelaram-se eficazes, mas foram sobretudo a grande distribuição e as cadeias de supermercados que reagiram bem. Foi mais difícil atingir o comércio e os serviços de carácter local.



**O acompanhamento do cabaz "IHPC"** (Índice Harmonizado de Preços no Consumidor), antes e depois da introdução das notas e moedas de euro, mostra que alguns artigos sofreram aumentos de preços fora do comum. Por exemplo, alguns restaurantes, cafés e salões de cabeleiro registaram subidas de preços significativas, o mesmo acontecendo com as reparações de automóveis e de habitações e as actividades relacionadas com o desporto e o lazer. Estas subidas de preços fizeram-se sentir de forma mais acentuada nos serviços locais e de proximidade, onde a concorrência é reduzida, e podem ser atribuídas ao euro, pois há indicações de que alguns pequenos retalhistas aproveitaram a oportunidade para aumentar os preços quando foram introduzidas as notas e moedas de euros. Em contrapartida, muitos outros preços mantiveram-se estáveis ou, como foi o caso de muitos produtos transformados, tais como computadores, equipamento fotográfico e estêreo, continuaram a descer, em parte pelo facto de a tecnologia se ter tornado mais barata.

**Estes aumentos de preços fora do comum** afectaram um certo número de pequenos artigos que compramos frequentemente. As pequenas compras em dinheiro determinam mais a nossa percepção da inflação dos preços do que as compras menos frequentes, como um novo computador, os seguros ou os alugueres. Contudo, a sua influência no custo de vida é menor: constituem apenas uma pequena parte do cabaz IHPC. Mas a nossa percepção dos aumentos de preços durante a transição para o euro está mais ligada à inflação dos preços dos artigos que compramos frequentemente do que à inflação da totalidade dos artigos que compõem o cabaz. Pode por isso dizer-se que, embora haja boas razões para as pessoas terem a impressão de que houve um aumento generalizado dos preços durante a transição para o euro, na realidade estes foram limitados e o seu efeito no custo total de vida foi diminuto.



Fonte: Serviços da Comissão

